

POR AMOR Á HUMANIDADE

LÉVY, Pierre. *Filosofia world*. O Mercado. O Ciberespaço. A consciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

Isa Maria Freire*

No dia do meu oitavo aniversário, marquei encontro com o ano 2000. Dava esse tempo à humanidade para me mostrar do que era capaz. [...] O ano 2000 chegou, vi e decidi tomar o partido da humanidade.

Decidi amar este mundo tal como é. [...]. Este livro é um canto de amor ao mundo contemporâneo e ao futuro que ele traz dentro de si. Amo-o e canto-o muito simplesmente porque não há outros. [...] (p.11)¹

Este primeiro parágrafo do prefácio de *Filosofia world*, escrito pelo próprio autor, aponta a trilha seguida por Lévy. O título original não apresenta as categorias do modelo de abordagem, enunciadas na edição portuguesa: o mercado, o ciberespaço, a consciência. E de todos, especialmente esta última: “Tentei neste livro discernir a unidade da corrente que nos [leva à unificação da humanidade] e dar um nome a este processo: a expansão da consciência” (p.12).

Lévy organizou seu texto a partir de um *Manifesto dos planetários*, onde entramos em contato com sua descrição do “auto-retrato dos planetários” e da “unificação da humanidade”:

Pouco a pouco, sem que nós nos tenhamos dado conta disso de imediato, o mundo chegou à nossa mão e fizemos dele o nosso campo de ação. [...] De súbito, aprendemos progressivamente a maneira de nos dirigirmos a *toda a gente*, a *todo o mundo*. Os nossos compatriotas estão por toda a Terra. Começamos a constituir a sociedade civil mundial. (p.16)

Considerando os espaços antropológicos de Lévy,² a unificação da humanidade começou no longínquo tempo em que saímos da África para a Terra, e depois para o

* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Editora-Chefe da Revista Pesquisa Brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação. E-mail: isafreire@globocom.com.

¹ Nas citações da obra será indicado apenas o número da página. *Itálicos* do texto constam no original.

² Conforme Lévy (2000, p.22-24), ao longo do tempo histórico a humanidade desenvolveu espaços antropológicos a partir da possibilidade do primeiro grande espaço, a Terra; o espaço do Território teria emergido com o neolítico e suas inovações culturais. Depois de um longo período de transformações, vivenciamos o espaço das Mercadorias, dos fluxos de energia, matérias-primas, capitais, mão-de-obra, informações. Agora, vivemos no espaço caracterizado pela “inteligência e [...] saber coletivos, cujo advento definitivo não está em absoluto garantido por certas ‘leis da história’”. Por mecanismos próprios à espécie humana, a memória das vivências nesses espaços passados permanecem em nós até o presente.

território. A grande dispersão começou mesmo no espaço das Mercadorias, com a circulação de pessoas e objetos por mares nunca antes navegados, de modo nunca antes imaginado, de maneira que muita gente foi mudando de lugar, amplificando a troca de informações e conhecimentos por toda a Terra. Enfim, para Lévy, no espaço contemporâneo do Saber a interconexão global propiciada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, está reunindo a humanidade conectada pela Internet.

Nunca estivemos tão perto uns dos outros. Nunca nos misturamos tanto. Nunca houve tantos planetários. Nunca houve juventude mundial, música mundial, cultura mundial como há agora. O final do século XX marca um limiar decisivo e *irreversível* do processo de unificação planetária da espécie humana. (p.27)

Este capítulo do *Manifesto dos planetários* continua sua argumentação sobre a oportunidade histórica de unificação da humanidade, ou processo de expansão da consciência, por temas como “centro e periferia num mundo interconectado”, onde aborda o poder como característica da espécie humana e sua relação com a inteligência coletiva; “o fim das fronteiras”, sobre a ocupação da Terra pelos planetários e sua cultura; “a aventura da consciência planetária”, destacando a vivência do processo de encurtamento do tempo; “do nicho animal ao mundo humano”, abordando o organismo animal e seu nicho e a dilatação do mundo propiciado pela cultura humana; e “face à biosfera”, quando descreve “o fenômeno em curso como a junção e a integração progressiva numa única e imensa colônia de todas as pequenas colônias humanas que cresceram aqui e acolá” (p.52). Somos um no muitos, somos iguais na diversidade, sonhamos e desejamos, criamos e reproduzimos nossas criações. “Somos conscientes.”

Com o desenvolvimento da consciência ecológica e econômica global, a espécie humana está em vias de chegar à primeira etapa de sua longa viagem. A espécie humana chegou a casa: o seu planeta. “Home”, murmuram os astronautas ao olhar a Terra do espaço. A Terra, foco de vida, maravilhosa ágata branca e azul, está já no cofre de joias do espírito humano. Quem mais a ama e a admira assim?. (p.53-54)

No capítulo 2 Lévy a aborda a *Economia virtual* e sua “realidade”, mediante análise da cidade planetária, do mercado planetário em sua relação com a unificação da humanidade, e da necessidade de dar sentido à dinâmica do mundo contemporâneo. Apresenta os “fundamentos da economia das ideias”, com os três polos da dinâmica de criação das riquezas e o ciberespaço como acelerador de ideias e meio para produção de riquezas, indagando “A que velocidade se abre o espírito?” (p.72). Em seguida, tece o elogio do *Homo Economicus* para o nosso tempo da economia virtual, argumentando que o comércio cria relações pacíficas e nesse espaço de produção as pessoas tornam-se

empresas em busca da prosperidade. Nesse contexto, há uma “convergência do *Homo Economicus* e do *Homo academicus* no ciberespaço”, de modo que a comunidade científica pode oferecer sua inteligência coletiva à humanidade, mediante redes de aprendizagem e cooperação competitiva: nesse processo as empresas mais inovadoras gradativamente se transformam em universidades. Esses novos caminhos da produção levam a uma “economia da atenção”, que tem a consciência como principal poder.

Oiko-nomia, em grego antigo, significa a legislação ou o governo da casa. Como tratar e embelezar a casa, a maior casa, a sociedade humana e o seu planeta, em vez de o degradar? É esta a principal pergunta colocada ao *Homo Economicus*, que já não está separado nem do *Homo academicus*, nem do *Homo spiritualis*. (p.136)

Temos agora, no capítulo 3, *A subida à 'noosfera'*, que se inicia com “a cultura universal”, que se coloca para além das culturas identitárias, havendo uma convergência das correntes culturais do Ocidente e do Oriente, no que Lévy denomina “O tecido das almas” (p.148). Aqui, é abordada “a cibercultura”, o virtual, a *web* (“onde todas as páginas formam uma única”), a vitória e a derrota simultâneas da máquina lógica e o computador como “fogo do futuro” (p.153 e 157). E na “esfera das formas”, o museu universal (“Dentro de alguns anos, será difícil fazer [distinções claras] das escolas, dos museus e das bibliotecas”) e a noosfera, nova convergência do espírito humano. Este capítulo se encerra com “a educação do futuro”, onde Lévy (2000, p.60) esclarece que nossa aprendizagem vai se acelerar a um ritmo ainda desconhecido para nossa história, de modo que “em pouco tempo teremos passado [...] de uma humanidade a outra”. Nesse contexto, o objetivo da educação “é tornar a consciência humana consciente de si própria e da sua disposição fundamental: a sua expansão omnidirecional, a sua liberdade, o seu amor por todas as formas e por todos os seres” (p.171).

E eis que chegamos ao termo da quaternidade proposta por Lévy para sua obra: *Manifesto dos planetários, Economia Virtual, Subida à noosfera e Expansão da consciência*, “para lá das divisões sociais”.

O meu credo epistemológico é o seguinte. Todos nós aprendemos na escola que era bom exercitar o espírito crítico. Mas também aprendemos com a vida que tínhamos necessidade de amar. Só compreendemos o que amamos. Logo, se queremos compreender, temos de amar. E se queremos compreender tudo, devemos amar tudo. O mundo não tem necessidade de crítica, o mundo tem necessidade de amor. Só quando se ama o mundo é que ele no-lo devolve dando-nos o seu sentido. O amor é o microscópio mais poderoso. O amor é o

telescópio mais sensível. O amor é a maravilha observada. O amor é o olho que observa.³ (p.174)

A caminho da *Conclusão*, Lévy aborda “a consciência e a ecologia mental”, quando discorre sobre o entrelaçamento entre a consciência e o mundo, questionando-se, todavia: “Uma única consciência?”; e, mais adiante, “Quem é quem?” (p.184 e 190). E apresenta sua visão sobre “a evolução cósmica e a exploração das formas”, defendendo a unidade da árvore cósmica, o lugar da humanidade na evolução, e a inteligência das formas, que “são formas de consciência e a consciência uma infinita virtualidade de formas” (p.203).

“A humanidade é uma extraordinária máquina de fabricar formas” (p.206), conclui Lévy, acreditando que “em breve, a humanidade [...] compreenderá que *o apetite pelas formas*, todas as formas, as formas vivas que são a sua própria vida, sem julgamento, *é a própria forma do amor*” (p.206-207). Assim, “à medida que o universo se afasta no tempo do *big bang* físico, a liberdade humana leva-o para um *big bang* espiritual que o transporta para a dimensão do amor” (p.207).

De volta ao prefácio de Lévy, podemos encerrar concordando que “O problema não é saber se somos otimistas ou pessimistas, mas saber para onde dirigirmos o olhar” (p.13). E compartilhar sua metáfora musical: “Oxalá o som do meu bandolim, acompanhado por todos os instrumentos e por todas as vozes que cantam a mesma canção se amor por todo o planeta, oxalá esta pequena música possa trespassar o uivo grave das sirenes do medo e do desespero” (p.13).

Oxalá.⁴

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Que oportunidade tem a ética no mundo globalizado dos consumidores? In: BAUMAN, Z. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.37-83.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** SP: Ed. Loyola, 2000.

MATURANA, H.; VARELA, F. Prefácio. In: _____. **De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo.** 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

³ A propósito pode-se ler Bauman (2011): *A ética é possível num mundo de consumidores?* Sem esquecer que “Amor e conhecimento não são alternativas; o amor é um fundamento, enquanto o conhecimento é um instrumento”, como colocam Maturana e Varela (1997), em seu livro sobre *autopoiese – a organização do vivo*.

⁴ Deus de todos os deuses, da Bondade e da Paz. Tradição Candomblé Keto. Wikipedia, a enciclopédia livre. Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_divindades. Acesso em 6/6/2015.